

# Algumas reflexões sobre o impacto da crise pandémica no Ensino Superior

Carlos Carvalho<sup>[1]</sup> e Alexandra Sevinate Pontes<sup>[2]</sup>  
Instituto Superior Técnico

<sup>[1]</sup> Observatório de *Rankings* Universitários do IST; Núcleo de Estudos e Projetos; Área de Estudos, Planeamentos e Qualidade

<sup>[1]</sup> Observatório de Boas Práticas do IST; Área de Estudos, Planeamento e Qualidade

## Resumo

*A forma como as Instituições de Ensino Superior (IES) responderam à crise pandémica de COVID19, transitando todas as suas atividades para plataformas digitais, acelerou a implementação em larga escala do Ensino a Distância (EaD), em regime de ensino online, e com recurso a formas alternativas de avaliação, suscitando novas questões, como é exemplo a violação da privacidade, e colocou, ao mesmo tempo, desafios a outras vertentes da atividade universitária, como a colaboração entre as IES e a indústria para dar resposta a necessidades da sociedade, entre outros aspetos. O presente trabalho é uma reflexão interna feita pela Área de Estudos, Planeamento e Qualidade (AEPQ) do Técnico Lisboa, na sequência da participação em webinars sobre estes temas, fundamentada em bibliografia especializada. O trabalho procura ainda dar resposta a alguns constrangimentos que se adivinham no futuro no regime de ensino online, nomeadamente no que diz respeito à integração, ao acompanhamento e à avaliação dos alunos, e perspetivar o papel das IES num contexto integrado de ligação à sociedade.*

**Keywords:** *Ensino Superior, Ensino online, Avaliação remota; Investigação e Inovação; Ligação à Sociedade; Pandemia*

## Introdução

O presente trabalho surge de uma reflexão sobre os efeitos da pandemia de COVID19 no Ensino Superior, nomeadamente a forma como as Instituições de Ensino Superior (IES) responderam ao encerramento fazendo a transição de toda a atividade universitária presencial para plataformas digitais, gerando um conjunto de desafios, nas suas várias dimensões de atuação. Além disso, resulta da participação em vários webinars (cf. listagem, página 6) e da consulta de literatura especializada (cf. referências, pág. 6), procurando promover o debate de ideias e pontos de vista sobre estes assuntos.

Num movimento sem precedentes a nível mundial, na sequência da declaração da pandemia COVID19 pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em março de 2020 (OMS, 2020), as IES foram obrigadas a encerrar fisicamente e a migrar todas as suas atividades para plataformas digitais. Segundo o Centro de Estatística da UNESCO (UNESCO, 2020), em 17 de Abril de 2020, em todo o mundo, 1.3 mil milhões de estudantes tinham sido afetados, ou seja 91% do total de estudantes inscritos, em 191 países

Importa por isso tecer algumas reflexões sobre o impacto destas alterações, os desafios colocados, as respostas

encontradas e perspectivar o futuro papel das IES na sociedade.

## O impacto na dimensão ‘ensino’

Por se tratar de uma mudança drástica de paradigma, com o cancelamento das atividades letivas presenciais e a migração das metodologias de ensino e de aprendizagem para plataformas digitais (ensino *online*), as IES precisaram de se adaptar rapidamente, tendo sido adotado um regime de “*ensino online de emergência*” e, por esse motivo, colocaram-se novos desafios e a urgência de suprir um conjunto de necessidades, como por exemplo o desenvolvimento de mecanismos de qualidade do EaD e acreditação e avaliação de cursos superiores em Portugal como são exemplos <sup>1</sup>.

### i) Mecanismos de gestão da qualidade do EaD, uso de tecnologias e formação de RH

Para esse objetivo, reveste-se de especial importância a colaboração entre as IES e a Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES) cuja missão “...*consiste em garantir a qualidade do ensino superior em Portugal, através da avaliação e acreditação das instituições de ensino superior e dos seus ciclos de estudos, bem como no desempenho das funções inerentes à inserção de Portugal no sistema europeu de garantia da qualidade do ensino superior*”, para garantia do sucesso do ensino *online*. Nomeadamente, é preciso definir um conjunto de *guidelines* para a criação e oferta de cursos superiores em regime *online* no sentido de promover a qualidade e credibilização deste tipo de ensino, garantindo a oferta de condições técnicas, humanas e materiais e definir modelos de avaliação e de acreditação.

Tanweer, M., Qadri, M (2016) no artigo “*Quality Assurance in Higher Education A*

*Framework for Distance Education*” defendem que a garantia da qualidade só é possível quando o termo “qualidade” é definido claramente com um foco especial nas diferenças pedagógicas

Em Portugal ainda não estão oficialmente definidos referenciais para a avaliação e acreditação de cursos lecionados em EaD muito embora haja experiência acumulada nesta modalidade de ensino, como é o caso da Universidade Aberta, IES Portuguesa de EaD e de outras IES que oferecem alguns cursos neste regime. Encontramos casos de Países de Língua Oficial Portuguesa, como o caso do Brasil, no qual tem sido dada atenção à elaboração de referenciais da qualidade para o EaD. No caso do Brasil, a oferta de cursos em regime de EaD feita por centenas de universidades e esta oferta, que está dependente do reconhecimento destas Universidades pelo Ministério da Educação (MEC), pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES), conforme Portaria Nº 105, de 25 de maio de 2017.

Na situação de pandemia declarada, em Portugal, as IES adotaram, “*ensino online de emergência*” tendo surgido algumas iniciativas que merecerão especial relevo neste trabalho, embora este não constitua um levantamento exaustivo do que foi concebido.

Assim, e de acordo a literatura especializada na área do EaD, da qual salientamos o projecto “*Quality Assessment for E-learning: a Benchmarking Approach*” da EADTU (EADTU, 2016) alguns aspetos devem ser tidos em consideração na oferta do ensino superior *online*, nomeadamente: a criação e desenho de cursos (conceção e organização), a preparação dos conteúdos e as metodologias de ensino aprendizagem, entre outros, deve estar adaptada aos recursos digitais educacionais, como a gravação de aulas oferecidas de forma síncrona e/ou assíncrona e a preparação de atividades de retorno, mediatização de materiais e a definição das formas de interação com e entre estudantes, entre

outros<sup>iv</sup>. Também a questão das infraestruturas e do uso de tecnologias, neste âmbito, é essencial para que as mudanças operadas entretanto no Ensino Superior sejam bem-sucedidas. É necessário, por outro lado, que as plataformas de ensino respondam às necessidades e garantam a privacidade e segurança dos dados<sup>v</sup>.

No que diz respeito aos recursos humanos, deve apostar-se na formação de docentes em ensino *online* e garantir um rácio docente/estudante adequado ao modelo de ensino aprendizagem preconizado bem como de pessoal técnico e administrativo/estudante com competências diferenciadas (como, por exemplo, para preparação e mediatização de materiais para disponibilização *online*).

Além disso, outro dos aspetos importantes no ensino online é a interação professor/aluno. Ao contrário do ensino convencional, onde a relação entre o corpo docente e os estudantes é presencial, no regime de ensino *online* é imperativo garantir que o papel do docente não se limite a um carácter meramente administrativo das plataformas digitais, mas mantenha contacto frequente com os alunos, com acompanhamento e interação frequentes que possa ser motivador. Devem ser garantidas ainda as respostas às necessidades de aprendizagem todos os estudantes.

Para o cumprimento deste requisito, no caso de turmas muito grandes, pode ser necessário reforçar o número de docentes de forma a garantir um rácio estudantes/docente adequado ao ensino *online*, por exemplo, com recurso a tutores que proporcionem um acompanhamento quase constante, mesmo que de forma assíncrona.

Ao contrário do ensino presencial, o ensino totalmente *online* não tem a componente presencial, podendo este facto constituir uma desvantagem, em particular no que respeita às componentes de avaliação

contínua e final, por poder dificultar a efetiva percepção do envolvimento dos alunos no processo de aprendizagem.

O recurso a formas híbridas de ensino (*blended learning*) e a tutores poderá vir a constituir uma forma de garantir a motivação dos estudantes e impedir o abandono escolar, por exemplo<sup>vi</sup>, e permitir um equilíbrio entre o ensino presencial e o ensino *online* (Homem de Cristo, 2020).

Um outro aspeto que pode contribuir para o sucesso do ensino *online* é a garantia de igualdade de acessibilidade dos estudantes, nomeadamente o acesso às tecnologias, a sua autonomia e integração. Torna-se, no atual contexto, particularmente importante garantir formas de integração dos estudantes no início do próximo ano letivo, em Setembro de 2020, na eventualidade de haver necessidade de manter o regime de ensino *online* em vigor, pelo facto de os futuros alunos não conhecerem as instituições, os docentes e os colegas. Para diminuir estes constrangimentos as IES poderam, talvez, adotar ferramentas já desenvolvidas como é exemplo o módulo de ambientação oferecido a novos alunos quando ingressam na Universidade Aberta (UAb), de frequência obrigatória cujo objectivo é colmatar este constrangimento.

## ii) O “valor” do EaD

Este tipo de oferta de ensino *online* é ainda considerado, em determinados países, como tendo um menor “valor de mercado” e, assim, percecionado de forma negativa comparativamente com os cursos tradicionais/presenciais.

No entanto, em instituições como a *Open University* no Reino Unido, entre outras, os cursos superiores em regime *online* têm o mesmo “valor de mercado” dos restantes por estarem bem desenhados para o regime a distância e, em particular, por a sua avaliação e acreditação ter em consideração o regime de ensino. De facto, o Reino Unido é um dos países onde há uma grande

experiência no ensino *online*. Há hoje em todo o mundo uma grande quantidade de instituições que fornecem MOOCs<sup>vii</sup>, não sendo estes cursos formais conferentes de grau, embora tenham permitido “ensaios” para os docentes oferecerem materiais em regime *online*.

É preciso voltar a salientar, no entanto, que existe ainda um estigma contra este tipo de ensino, porque o desconhecimento das metodologias e a falta de avaliação dos cursos de acordo com os referenciais de qualidade próprios para este regime de ensino, levam a que, por vezes, seja visto com desconfiança e/ou como promotor de “fábricas de certificados” ou “passagens administrativas”<sup>viii</sup>.

À semelhança do que acontece noutros países, as IES em regime *online* de emergência estão a obter *feedback* dos estudantes para a melhoria dos processos. Além disso, inquéritos às entidades empregadoras têm sido lançados, sendo atualmente a perceção dos mesmos quanto a este tipo de ensino mais favorável, em particular quando ministrado por universidades que gozam de boa reputação, em rankings universitários internacionais nomeadamente (cf. Referências, pág. 8).

### iii) Instrumentos de avaliação

No contexto da migração do ensino para plataformas *online* é também necessário adequar os instrumentos de avaliação das aprendizagens e dos estudantes ao novo paradigma.

O designado *Online Proctoring*, ou condução/supervisão de exames remotamente suscita, no entanto, determinadas preocupações relativas não só à igualdade que devem assegurar, porquanto a conectividade é um elemento chave para o processo, como também o respeito pelas questões de privacidade, porquanto é necessário obter consentimento na obtenção de dados.

Saliente-se que estes instrumentos já são consensuais e usados há algum tempo na América do Norte, embora na Europa ainda poucas IES os usem, por motivos diversos, nomeadamente o facto de colocarem questões de invasão da privacidade.

O software ‘PROCTORIO’, aplicação de *online proctoring*, é usado em 500 instituições a nível mundial e recolhe dados biométricos, monitoriza/supervisiona o aluno através da câmara do computador e do microfone, bloqueia *browsers* e deteta movimentos suspeitos a partir do movimento dos olhos e da cabeça. Pode solicitar ainda “rastreamentos do espaço”, que exigem que o aluno faça uma vista panorâmica com a câmara do seu computador.

Na Europa, o Partido Trabalhista dos Países Baixos solicitou à CE para se pronunciar sobre a possível violação do *General Data Protection Regulation* (GDPR) pela monitorização/supervisão *online* (Matthew, 2020).

Nos Estados Unidos, algumas universidades deram permissão à PROCTORIO para incluir as suas ferramentas de deteção de fraude nas bases de dados – como gravações de áudio e vídeo – geradas quando os estudantes dessas instituições fizeram os seus exames.

É interessante verificar diferentes abordagens em diferentes continentes quanto a esta questão. No entanto, o recurso a software deste tipo por parte das IES visou, de uma forma geral, minimizar perturbações e atrasos dos programas de ensino e da avaliação dos estudantes.

Segundo Maurice Adams, *vice Dean* da Universidade de Tilburg (Países Baixos), a supervisão eletrónica “*pode ser usada apenas se a violação da privacidade for legitimada*” e será usada “*quando necessário*”.

Estão a ser investigadas outras formas de deteção de fraudes como, por exemplo, o

registo da forma de “teclar” na realização de exames *online*. Trata-se de um assunto que não gera consensos, apesar da atual situação de emergência e, por esse motivo, urge desenvolver mais investigação sobre esta temática.

O Instituto Superior Técnico, cujos docentes foram formados em *ensino online* no ano 2012, na sequência de um protocolo estabelecido para o efeito com a Universidade Aberta, realizou a “migração de emergência para o ensino *online*” sob a orientação necessária do seu Conselho Pedagógico e, na sequência da mesma, criou um website *SaRTRE (Sharing Remote Teaching and Learning Experiences)* (Instituto Superior Técnico, 2020) com orientações para o Ensino e Investigação a distância, com regras e procedimentos para a realização de provas *online* que deverão ser realizadas com base num compromisso de honra<sup>ix</sup>.

A Universidade Aberta (IES Portuguesa de Ensino Superior a Distância, com um modelo pedagógico próprio (Universidade Aberta, 2007) disponibilizou o portal *#sempreLigados* (Universidade Aberta, 2020) onde, “*cumprindo um dever de solidariedade e responsabilidade cívica, coloca à disposição da sociedade, em geral, e dos professores e estudantes, em particular, um conjunto de materiais pedagógicos e de recursos educativos digitais...*”,

## **O impacto na dimensão ‘investigação e inovação’**

O atual contexto de pandemia mobilizou uma grande parte da comunidade científica internacional na tentativa de resolução crise de saúde pública.

### **i) Blue sky vs applied research**

Este aspeto coloca em evidência os desafios à investigação e inovação. No *webinar* promovido pelo THE (cf. W1.Listagem), académicos e investigadores debateram se a comunidade científica deve dar prioridade à investigação fundamental (*Blue Sky*

*research*), ou investigação livre, ou à investigação aplicada, ou investigação orientada, a qual responde diretamente aos desafios que se apresentam às sociedades.

Neste contexto, assumem particular importância as questões da sustentabilidade e da gestão de recursos. Académicos em todo o mundo defendem que a investigação deve dar atenção, em particular, aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas (2015), na medida em que os países enfrentam desafios comuns como as alterações climáticas ou a crise de saúde pública e que os avanços da ciência devem beneficiar toda a Humanidade em assuntos prioritários.

Os ODS devem ser uma medida de inovação mas também de rumo e de transformação, porquanto:

- promovem plataformas de colaboração, focadas em objetivos comuns, como a saúde pública, o clima, ou o ensino (instrumentos de ensino remoto e avaliação);
- fomentam a colaboração entre a universidade e a indústria, envolvendo os decisores políticos;
- promovem a partilha de dados de forma transparente, para ajudar a mitigar riscos (não só a nível epidemiológico, mas a nível das cadeias de abastecimento, por exemplo);
- permitem a inclusão de todos os setores interessados e as pessoas afetadas pelos processos de desenvolvimento (ODS 17, *partnership for the goals*).

Foi defendida a necessidade de promover um equilíbrio entre estes dois tipos de abordagem à investigação, aliás conforme foi também defendido noutra iniciativa promovida pelo THE, ‘UK Academic Salon’,<sup>x</sup>.

## O reforço das colaborações

A crise de saúde pública mundial colocou também no topo das prioridades a necessidade de desenvolver e intensificar as colaborações não só entre países (apesar das tensões políticas registadas entre os Estados Unidos da América e a República Popular da China), mas também entre IES e a indústria, não só a nível da tentativa de resolver a atual crise de saúde pública, como também no desenvolvimento, por exemplo, de sistemas de inteligência artificial (na educação), ou do desenvolvimento e reforço da tecnologia 5G, permitindo novas possibilidades para o processo ensino/aprendizagem.

No entanto, estas inovações tecnológicas vêm colocar no topo da agenda a necessidade de países em desenvolvimento terem infraestruturas sólidas e robustas para dessa forma beneficiarem dos avanços tecnológicos.

Caso a acessibilidade e a conectividade, por exemplo, não sejam asseguradas nesses países, significará que uma parte significativa da população mundial não acompanhará os benefícios da investigação e inovação.

Esta questão é transversal ao ensino. Sendo o ensino presencial uma ferramenta um mitigador de diferenças sociais, o ensino exclusivamente *online* pode produzir efeitos adversos, caso os países em desenvolvimento não possuam infraestruturas tecnológicas robustas, estáveis e consolidadas que permitam que estudantes em zonas periféricas ou remotas tenham acesso a elas.

## O impacto na dimensão ‘ligação à sociedade’

Conforme referido na secção supra, a crise pandémica veio mostrar a necessidade do reforço da interação entre as IES e a indústria, mas também envolvendo outras

instituições associadas e lançando desafios a todos os atores envolvidos.

Como já referido, assistiu-se em todo o mundo à capacidade de usar o conhecimento disponível para responder de forma urgente e imediata, envolvendo investigadores, académicos e laboratórios ligados às IES e empresas no sentido de se mobilizarem para contribuir para a resolução da crise pandémica, num espírito humanista e de solidariedade, e com uma noção de responsabilidade social.

As IES portuguesas foram capazes de liderar esta mudança, sendo importante salientar o esforço de um consórcio constituído por investigadores do Instituto Gulbenkian de Ciência, da Fundação Champalimaud, e do Instituto Superior Técnico (IST) para desenvolver um protótipo de um ventilador que está a ser desenvolvido por um consórcio de investigadores portugueses, o qual está a ser desenvolvido sem fins lucrativos por uma equipa de voluntários e já possui protótipos em teste, aguardando a certificação de que carece para que comece a fase de produção e distribuição (Leiria, 2020).

Vale a pena ainda salientar outro exemplo que envolve o Instituto de Medicina Molecular no desenvolvimento de testes de diagnóstico, num esforço que se estendeu a outros laboratórios da microbiologia alimentar à biologia animal (*idem*).

Além disso, assume particular importância a necessidade de criar polos de inovação, ou ‘ecossistemas de inovação’, que envolvem não só universidades, politécnicos, como também *startups* de base tecnológica, que assentam em tecnologias de informação, retendo estudantes, atraindo ainda investimento e criando emprego.

## Cenários para o futuro

O capítulo seguinte tenta traçar vários cenários em diversas dimensões da



atividade universitária e do papel das IES no futuro, num contexto pós-pandemia.

Segundo os especialistas<sup>xi</sup>, é expectável que se assista a uma consolidação por parte das IES das plataformas e recursos digitais, com base nas lições aprendidas e num cenário de repetição da situação, sendo o planeamento um fator crítico para a atividade universitária.

Assim, a mais longo prazo, perspectiva-se um cenário de reestruturação do setor, com fusões e perda de identidade de muitas instituições<sup>xii</sup>. De facto:

- os recursos públicos para a educação vão competir com outras afetações (saúde e economia), criando provavelmente um equilíbrio mais instável nas prioridades da investigação e colocando novos desafios à mesma, como referido anteriormente;

- as dificuldades de contexto e os padrões de custos do regime on-line vão promover cortes de custos e redução de pessoal e, possivelmente, ao fecho de instituições;

- o redimensionamento do uso de infraestruturas podem provocar significativos custos acrescidos às IES, provocando novos constrangimentos

- a qualidade será um fator de seleção e de maior disparidade entre instituições.

No caso particular do Ensino Superior em Portugal preconizamos, num futuro próximo, o reforço das colaborações para a oferta do ensino *online* uma vez que, na incerteza do que possa ser o ensino superior, por um lado, e experimentadas as vantagens do ensino *online* pelas IES, por outro, seja expectável o cumprimento do Regime Jurídico do Ensino Superior Ministrado a Distancia, publicado no Decreto-Lei n.º 133/2019, de 3 de Setembro é promotor de parcerias entre IES e esta uma forma de ultrapassar os fatores críticos acima enunciados.

No entanto, começam a surgir vozes que defendem a necessidade imperiosa de manter a *presencialidade* nas IES, como são exemplo o Reitor da Universidade de Coimbra (Falcao (2020) *podcast* “Europa a Meias #4Covid-19: O ensino Superior na superação da crise<sup>xiii</sup>) e Crespo de Carvalho (2020) no artigo publicado no Observador “*Desculpem, a universidade à distância não é uma Universidade*

O ensino *online* cresceu em popularidade em resultado da necessidade e da mudança de atitudes. Por isso, é expectável que a Educação *online* seja uma prioridade estratégica em todas as IES, em que o recurso a formas de ensino híbridas (*blended learning*) leve a uma maior aceitação e credibilização das opções não convencionais de ensino, em particular para a oferta de cursos em *b-learning* com potencialidade de captar estudantes internacionais que se perspectiva tenham agora uma mobilidade condicionada a curto/médio prazo. Os estudantes oriundos de Países de Língua Oficial Portuguesa (PLOP), em particular, podem adotar estas novas formas de mobilidade virtual com enormes vantagens económicas, sociais e humanas.

Espera-se também que, com a aceleração dos processos digitais, haja uma reconversão transversal a todas as áreas, não só do ensino, como também da reconversão e atualização das competências do corpo docente, assim como a agilização dos processos administrativos, como o tempo de criação e ou alteração de um curso superior, que terá de ser mais breve (Leiria, 2020).

Tanto alunos como professores terão de ter à disposição as ferramentas necessárias e a formação adequada para trabalhar com as mesmas. Trata-se de um processo de aprendizagem moroso até ser consolidado e tornado eficaz. Para os docentes mais velhos o custo da aprendizagem/ adaptação poderá revelar-se naturalmente maior do que para os docentes mais jovens. Para os

estudantes que irão ingressar no Ensino Superior, o ensino *online* será visto, muito provavelmente, de forma natural, como é hoje o ensino presencial. No entanto, urge encontrar formas de integração dos novos estudantes nas IES e de combater as taxas de abandono que habitualmente se verificam no EaD, superiores às do ensino presencial.

Outras alterações prendem-se com a mudança da perceção dos estudantes relativamente aos seus planos para estudar no estrangeiro, por exemplo. Vale a pena referir um inquérito lançado pela Quacquerelly Symonds, (QS, 2020) a estudantes internacionais já durante a pandemia que revela, entre outros aspetos, que, na sua larga maioria, os estudantes adiaram os planos para estudar no estrangeiro.

É interessante verificar mudanças de atitude dos estudantes que já inscrevem o ensino *online* nas suas preferências. Por outro lado, de acordo com os testemunhos dos especialistas nos *webinars* assistidos, haverá um maior reconhecimento de internacionalizar em casa (currículum, competências, resultados de aprendizagem para todos os estudantes) o que carecerá de abordagem estratégica, correspondendo a um maior valor para o impacto social do Ensino Superior a uma escala global.

Relativamente à dimensão ‘investigação’, pensamos que é importante haver um equilíbrio entre investigação básica e aplicada. No entanto, devido ao facto de o retorno sobre o investimento da investigação ‘pura’ ser inerentemente incerta, os projetos nestas áreas são política e comercialmente impopulares e tendem a perder financiamento para projetos de investigação mais confiáveis do ponto de vista prático ou de rentabilidade. Sabemos, apesar de tudo, que muitas vezes é a investigação básica que alimenta a investigação aplicada e por isso é tão importante o referido equilíbrio entre as duas visões da investigação.

No contexto dos efeitos da pandemia, apesar da importância do reforço das colaborações internacionais, há sinais preocupantes e desafios a enfrentar. É preciso não esquecer que só recentemente se assistiu ao início da reabertura de fronteiras entre países, e estas ainda com alguns constrangimentos, assim como de universidades, centros de investigação, laboratórios, etc., e é fundamental manter colaborações internacionais que resultaram, muitas delas, de relacionamento de longo-prazo entre instituições.

Por outro lado, outro dos desafios que se coloca aos países e suas instituições, é o facto de os nacionalismos terem criado um ambiente geopolítico instável e frágil. Recorde-se, por exemplo, a tentativa dos Estados Unidos da América tentarem ter o exclusivo de uma vacina, ou os alertas de especialistas sobre o custo elevado que possa ter uma vacina e que pode deixar os países mais pobres sem acesso a ela, já para não falar no ambiente pós Brexit, que poderá afetar o relacionamento entre a União Europeia (EU) e o Reino Unido.

Em termos de ligação à sociedade, a atual crise pandémica veio demonstrar a importância da mobilização de investigadores e laboratórios ligados às IES no sentido de se encontrarem soluções para problemas específicos, com uma noção de responsabilidade social. Essa mobilização será reforçada no futuro entre IES, o tecido industrial e instituições que possuem capacidade científica e o conhecimento, sendo o poder político uma parte importante do processo no sentido da definição de estratégias nacionais.

Nesse sentido, é preciso referir o lançamento por parte do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, da Republica Portuguesa, de um guião, conhecido por ‘*Skills 4 pós-Covid – Competências para o futuro*’ (MCTES, 2020), *Skills 4 pós-Covid–Competências para o futuro*”, a qual será desenvolvida em estreita articulação com a OCDE e o qual



está a ser discutido por universidades e politécnicos. Nele, apela-se, por exemplo:

- a práticas inovadoras de ensino;
- à oferta de cursos mais curtos (como acontece nos politécnicos);
- à implementação das tecnologias de informação em todas as áreas;
- à reconversão de competências do público adulto;
- à reconfiguração das cargas letivas existentes.

Finalmente, vale ainda a pena salientar que a Universidade de Cambridge no Reino Unido foi a primeira universidade a nível mundial a anunciar que todas as suas aulas vão ser lecionadas *online*, prevendo que as medidas de distanciamento social vão continuar a ser necessárias até ao Verão de 2021.

Um porta-voz desta universidade Heren, (2020) anunciou que “a instituição está constantemente a adaptar-se ao evoluir da situação”. Esta decisão visou, por outro lado, facilitar o planeamento das atividades, embora a decisão possa ser revista de acordo com as recomendações das autoridades sobre a pandemia.

Este anúncio resultou após o regulador para o Ensino Superior do Reino Unido ter aconselhado as IES britânicas que não deviam prometer aos estudantes o regresso à normalidade no próximo ano letivo.

## Referências

Crespo de Carvalho (2020) no artigo publicado no Observador 03/07/2020 “*Desculpem, a universidade à distância não é uma Universidade*”. Em <https://observador.pt/opiniao/desculpem-a-universidade-a-distancia-nao-e-uma-universidade/>, acessado em 3 de Julho de 2020

EADTU (2016) “E Quality Assessment for E-learning: a Benchmarking Approach” Em [https://e-xcellencelabel.eadtu.eu/images/E-xcellence\\_manual\\_2016\\_third\\_edition.pdf](https://e-xcellencelabel.eadtu.eu/images/E-xcellence_manual_2016_third_edition.pdf), acessado em 20 de fevereiro de 2020

Heren, K.(2020) “*Cambridge becomes first of UK's universities to move all lectures for next academic year online*”. The Evening Standard., 19 de maio de 2020. Em [https://www.standard.co.uk/news/uk/cambridge-university-lectures-online-2021-a4445391.html?utm\\_medium=Social&utm\\_source=Facebook&fbclid=IwAR2zI5vI7jYviOPZ7opv7a73kAK3fQhEZnAejKt3K0ZFvtMqOu7SSHsmk2s#Echobox=1589931079](https://www.standard.co.uk/news/uk/cambridge-university-lectures-online-2021-a4445391.html?utm_medium=Social&utm_source=Facebook&fbclid=IwAR2zI5vI7jYviOPZ7opv7a73kAK3fQhEZnAejKt3K0ZFvtMqOu7SSHsmk2s#Echobox=1589931079), acessado a 22 de Maio de 2020.

Homem de Cristo, A. (2020). no artigo publicado no Observador , 30/03/2020, <https://observador.pt/especiais/o-ensino-a-distancia-funciona/>, acessado em 21 de maio de 2020.

Instituto Superior Técnico, (2020) *Sharing Remote Teaching and Learning Experiences (SaRTRE)*. Em <https://sartre.tecnico.ulisboa.pt/codigo-honra/>, acessado a 15 de Maio de 2020.

Leiria, I, (2020). “*Cursos devem ter menos aulas por semana*”: Entrevista a Manuel Heitor, Ministro da Ciência e do Ensino Superior, *Expresso. Primeiro Caderno*, 23/05/2020. Em <https://expresso.pt/sociedade/2020-05-23-Ministro-da-Ciencia-e-do-Ensino-Superior-Cursos-devem-ter-menos-aulas-por-semana>. Acessado em 23/05/2020.

Matthew, Davis, “*EU lawmakers call for online exam proctoring privacy probe*”. THE World University Rankings, 05/05/2020, <https://www.timeshighereducation.com/news/eu-lawmakers-call-online-exam-proctoring-privacy-probe>, acessado em 21 maio de 2020

MCTES, 2020. “*Skills 4 pós-Covid– Competências para o futuro*”, Em <https://www.dges.gov.pt/pt/pagina/covid-19-avisos>. Acessado em 16 de maio de 2020.

OMS Organização Mundial de Saúde (2020) “<https://www.who.int/news-room/detail/29-06-2020-covid-timeline>”, acessado em 21 de maio de 2020

Portaria Nº 105, de 25 de maio de 2017 (2017). “*Competências de cada diretoria, coordenação e divisão da CAPES podem ser conferidas no Regimento Interno*”. Em <https://capes.gov.br/images/stories/download/le>

[gislacao/26052017-Portaria-105-de-25-maio-de-2017.pdf](#), acessado em 23 de Maio de 2020

Quintas Mendes *et al.* (2018). "Modelo Pedagógico Virtual – Cenários de Desenvolvimento". Em [https://portal.uab.pt/wp-content/uploads/2019/09/MPV\\_01.pdf](https://portal.uab.pt/wp-content/uploads/2019/09/MPV_01.pdf) acessado em 17 Maio 2020

QS (2020). "The New Virtual Student Journey: Changing Dynamics as a Result of the Coronavirus". QS – Quacquerelli Symonds: [www.qs.com/solutions/higher-education-events/](http://www.qs.com/solutions/higher-education-events/), acessado em 21 maio de 2020

Tanweer, M. , Qadri M (2016) "Quality Assurance in Higher Education: A Framework for Distance Education". Journal of Distance Education and Research (JDER)

Em

[https://www.researchgate.net/publication/308646948\\_Quality\\_Assurance\\_in\\_Higher\\_Education\\_A\\_Framework\\_for\\_Distance\\_Education](https://www.researchgate.net/publication/308646948_Quality_Assurance_in_Higher_Education_A_Framework_for_Distance_Education) .

Acedido em 20 de maio de 2020

UNESCO (2020) "1.3 billion learners are still affected by school/university closures",

UNESCO, Em <https://en.unesco.org/news/13-billion-learners-are-still-affected-school-university-closures-educational-institutions>,

accedido em 21 de maio de 2020.

United Nations (UN) (2015).

"Transforming our world: the 2030 agenda for sustainable development"- Em:

<https://sustainabledevelopment.un.org/post2015/transformingourworld>.  
Acedido em 15 de março de 2020

Universidade Aberta, (2020) "#Sempreligados". Em <https://sites.uab.pt/sempreligados/>, acessado em de março de 2020.

Universidade Aberta. (2007) "Modelo Pedagógico Virtual da Universidade Aberta – Para uma Universidade do Futuro" Em <https://portal.uab.pt/modelo-pedagogico-virtual/>, acessado em 17 Maio 2020

## Webinars

- (W1) 22 de Abril, THE Innovation & Impact Rankings Summit, THE.
- (W2) 23 de Abril, What the Future holds for Higher Education with Covid, QS.
- (W3) 23 de Abril, Desafios Estratégicos do Ensino Superior pós-pandemia, STHEM.
- (W4) 6 de Maio, Assuring Quality in Higher Education In a Time of Crisis, CHEA.
- (W5) 7 de Maio, Student Engagement in a Digital World, QS.
- (W6) 19 de Maio, UK Academic Salon, THE.

<sup>i</sup> Acreditação dos cursos de acordo com referenciais para ensino *online* (ver: [ASICUK](#), [Guide to online Schools](#), E-Excellence, [Referenciais de qualidade para EaD no Brasil](#))

<sup>ii</sup> <https://www.a3es.pt/pt/o-que-e-a3es/missao>

<sup>iii</sup> Assuring Quality in Higher Education In a Time of Crisis, CHEA, 6 de Maio.

<sup>v</sup> UAb – pioneira na certificação da segurança da informação

<https://portal.uab.pt/noticias/uab-pioneira-na-certificacao-da-seguranca-da-informacao/>

Plataforma de elearning obtém certificação

<https://portal.uab.pt/plataforma-elearning-certificada/>

<sup>vi</sup> "... na Nova Zelândia, uma universidade conseguiu que as taxas de sucesso nos cursos fossem idênticas nas modalidades presencial e à distância. O que fez? Como *este case study* explica, implementou uma abordagem tripartida, na qual a maior inovação foi introduzir tutores, que fizeram um acompanhamento mais personalizado dos seus alunos. Esta estratégia está perfeitamente alinhada com o que a investigação tem demonstrado: o fator decisivo para o sucesso é o grau de interação entre os alunos e os professores e, com tutores em diálogo personalizado, a probabilidade de sucesso e satisfação é muito superior."

<sup>vii</sup> Assuring Quality in Higher Education In a Time of Crisis, CHEA, 6 de Maio.

<sup>viii</sup> THE Innovation & Impact Rankings Summit, THE, 22 de Abril.

<sup>ix</sup> <https://sartre.tecnico.ulisboa.pt/codigo-honra/>

<sup>x</sup> Exemplo dado no UK Academic Salon, por parte de Rahim Taffazolli, director, Surrey University, 5G Innovation Centre, é a combinação entre as ideias que permitirão à tecnologia 5G ultrapassar as suas limitações (Blue sky research) e estas terem aplicação na prática (applied research)

<sup>xi</sup> Assuring Quality in Higher Education In a Time of Crisis, CHEA, 6 de Maio.

<sup>xii</sup> Desafios Estratégicos do Ensino Superior pós-pandemia, STHEM, 23 de Abril.